

Introdução

No verão passado, numa época de calor intenso, eu e o Jim Burden estávamos a atravessar o Iowa no mesmo comboio. Eu e ele somos velhos amigos, crescemos juntos na mesma cidade no Nebraska e tínhamos muita coisa para conversar um com o outro. Enquanto o comboio avançava por entre quilómetros intermináveis de trigo pronto a ceifar, de cidades rurais, de pastagens em flor e de florestas de carvalhos definhando ao sol, nós seguíamos sentados na carruagem panorâmica, onde a madeira era quente ao toque e uma poeira avermelhada tudo cobria. A poeira e o calor, e o vento sufocante, traziam-nos muitas recordações. Conversámos sobre o que é passar a infância em pequenas cidades como aquelas, rodeados de trigo e de milho, sujeitos a estimulantes extremos climatéricos: verões abrasadores em que o mundo fica verde e encapelado debaixo de um Sol brilhante, em que ficamos praticamente soterrados sob a vegetação, com uma cor e um odor a ervas daninhas pungentes e a colheitas fartas; invernos ventosos com pouca neve, em que toda a região fica despida e cinzenta como o ferro laminado. Ambos concordámos que só quem crescera numa pequena pradaria sabia realmente o que é que isso significava. Era uma espécie de maçonaria, dissemos.

Apesar de tanto eu como também o Jim Burden morarmos em Nova Iorque, raramente o vejo. É assessor jurídico numa das mais importantes ferrovias da região Oeste, pelo que é frequente ausentar-se do escritório durante várias semanas. Esse é um dos motivos por que raramente nos encontramos. O outro motivo é o facto de não simpaticizar com a mulher dele. É atraente, cheia de energia e resoluto, mas

aos meus olhos é fria e temperamentalmente incapaz de se entusiasmar seja com o que for. Os gostos tranquilos do marido irritam-na, parece-me, e ela perde tempo a fazer de patrona de um grupo de jovens poetas e pintores de ideias avançadas e competências medíocres. Tem a sua própria fortuna e vive a sua própria vida. Por alguma razão, deseja continuar a ser tratada por Sra. James Burden.

No que diz respeito ao Jim, as desilusões não o mudaram. A disposição romântica que tantas vezes o fizera parecer muito divertido em rapaz tem sido um dos elementos mais importantes no seu sucesso. Ama com uma paixão própria a grande região que a sua ferrovia percorre e abraça. A fé que deposita nela e o conhecimento que tem dela foram muito importantes para o desenvolvimento da mesma.

Durante esse dia sufocante em que atravessámos o Iowa, a nossa conversa foi sempre parar a uma figura central, uma rapariga boémia que ambos conhecêramos muitos anos antes. Mais do que qualquer outra pessoa que recordávamos, essa rapariga parecia representar para nós a região, as condições e toda a aventura da nossa infância. Eu nunca mais a vira, mas o Jim voltara a encontrá-la ao fim de muitos anos e retomara uma amizade que era muito importante para si. Nesse dia a sua mente estava cheia de recordações dela. Fez-me revê-la, sentir a presença dela, reviver todo o carinho que nutrira por ela.

— De vez em quando escrevo o que recordo sobre a Ántonia — disse-me ele. — Nas minhas longas viagens pelo país, entretenho-me dessa maneira, na minha carruagem.

Quando lhe disse que gostaria de ler essa sua narrativa, respondeu-me que sim; se alguma vez a concluísse.

Meses mais tarde, o Jim apareceu no meu apartamento, durante uma tempestuosa tarde de inverno, com uma pasta de trabalho. Trouxe-a para a sala de estar e disse-me, enquanto aquecia as mãos:

— Aqui está aquela coisa sobre a Ántonia. Continuas interessado em lê-la? Terminei-a ontem à noite. Ainda não tive tempo para a rever; limitei-me a escrever tudo o que o nome dela me evoca. Penso que não tem propriamente uma estrutura. E também não tem título. — Dirigiu-se para a divisão contígua, sentou-se à minha secretária e na primeira página da pasta escreveu a palavra “Ántonia”. Fitou-a por uns instantes, com o sobrolho franzido, e depois prefixou-a com duas palavras: “Minha Ántonia”. Isso pareceu deixá-lo satisfeito.

Livro I
Os Shimerda

I

A primeira vez que ouvi falar sobre a *Ántonia*¹ foi durante o que me pareceu ser uma viagem interminável pela extensa planície no interior da América do Norte. Na altura tinha dez anos; perdera os meus pais no espaço de um ano e os meus parentes na Virgínia tinham-me mandado para casa dos meus avós, que moravam no Nebraska. Viajei ao cuidado de um rapaz da montanha, o Jake Marpole, um dos ajudantes na antiga quinta do meu pai no sopé das Montanhas Blue Ridge, que ia agora para Oeste a fim de trabalhar para o meu avô. A experiência de vida do Jake não era muito maior do que a minha. Nunca andara de comboio até essa manhã em que partimos juntos para tentar a nossa sorte num mundo novo.

Viajámos o caminho todo em carruagens normais, ficando mais transpirados e sujos a cada nova etapa da viagem. O Jake comprava tudo o que os vendedores de jornais lhe ofereciam: guloseimas, laranjas, botões de colarinho em cobre, um relógio de bolso e para mim *A Vida de Jesse James*, que recordo como sendo um dos livros mais agradáveis que alguma vez li. Depois de Chicago ficámos sobre a proteção de um simpático revisor, que sabia tudo sobre a região para onde nos dirigíamos e nos deu imensos conselhos em troca da nossa confiança. Parecia-nos ser um homem experiente e vivido que já estivera em quase toda a parte; enquanto conversava fazia referência aos nomes de cidades e de estados longínquos. Usava os anéis,

1 O nome boémio *Ántonia* tem o seu acento na primeira sílaba, à semelhança do nome inglês "Anthony". O nome pronuncia-se *Án-to-ni-a*. (N. A.)